

ALEGRIA DE SERMOS FAMÍLIA DO PAI

*J. Kantenich, Carta de Natal à Família de Schoenstatt,
Roma, 13.12.1965*

Neste texto, extraído da Carta de Natal de 1965, o Pai e Fundador abre-nos à perspectiva da Aliança de Amor que se expressa também na Aliança de uns com os outros e que nos faz ser uma Família. Nesta realidade, descobrimos a nossa identidade, uma dádiva pela qual agradecemos, mas também uma missão no sentido de procurarmos ser um modelo para a Igreja renovada do concílio vaticano II.

Dádiva da nova imagem de comunidade.

A nossa imagem de comunidade conhece traços supratemporais que estão marcados pela totalidade da nossa Aliança de Amor. Desde sempre que nós sabíamos compreender e realizar a Aliança de Amor com a nossa querida MTA como **expressão, proteção, seguro e meio** para a Aliança de Amor com o Deus Trino e para a Aliança de amor **entre** uns e outros e de uns **com** os outros e de uns **para** os outros. Ano após ano fomos experimentando profundamente esta estreita união das Alianças de uns com os outros. Normalmente, o motivo da Aliança com o mundo do Além tem certo grau de analogia com a Aliança de uns com os outros. É fácil, por isso, avaliar a verdade daquilo que, no fim do segundo cativo, podemos constatar: a fusão dos corações entre uns e outros, isto é, entre Pai, Mãe e filhos e dos filhos entre si, alcançou uma misteriosa profundidade, que só na luz da fé e em virtude da irrupção do Divino na nossa Família pode, de algum modo, chegar a ser compreensível. Hoje para nós isto é uma coisa certa: todos nós chegámos a ser uma comunidade de tarefa e de coração, como aliás é difícil de encontrar em qualquer outro lugar. Todos, uns com os outros, levámos a mesma cruz, que desde a eternidade foi planeada para o Pai da Família e, na altura própria, foi colocada sobre os seus ombros. A seu modo todos sem exceção puseram os próprios ombros à disposição. De novo, de certo modo, aconteceu que a dificuldade da cruz perdera peso, porque ninguém sozinho era capaz de aguentar o seu duro peso. Assim vivemos nós uns com os outros, num espiritual uns com os outros, uns nos outros e uns para os outros, de modo que, só agora entendemos bem, como se apresenta o Homem Novo na Nova Comunidade. Nós também pressentimos bem que com isto nos aproximámos de um Ideal, para o qual normalmente a Igreja do futuro é interiormente impelida a estender a mão e a ela, com direito, pode aplicar o louvor: *Vede como eles se amam!*

Se, num ligeiro olhar retrospectivo para os anos passados, em síntese, pudermos reparar para os frutos das disposições e conduções divinas, naturalmente, então, por meio disso,

se despertam e aprofundam em nós duas atitudes fundamentais: a primeira é a atitude de uma inefável profunda gratidão. Agradecidos, queremos estender as mãos (às mãos) da nossa Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt como as mãos visíveis do Deus Trino. Pelo modo fiel como levámos a cruz comum queremos também ser agradecidos uns aos outros, e prometemos, constantemente, fidelidade ao amor uns aos outros.

Os muitos presentes que por ocasião do meu octogésimo aniversário, de todos os lados, quer dizer, de todos os Ramos e membros me chegaram e eu, cordialmente retribuo, compreendo como símbolo para a entrega indissolúvel do coração à minha pessoa como expoente da Família e como imagem do Deus Trino. Eu sei que vocês assim pensaram, sei também que vocês pensaram neles como símbolo para o próprio coração. Oferta e aceitação exprimem por isso uma fusão mútua dos corações como, deste modo e neste grau, não é frequente na História da Salvação.

Pelos vistos, exige a sabedoria de Deus e o cuidado materno de Maria, a experiência da Nova Comunidade desta forma, como modelo para a nova experiência de Igreja, que os Padres conciliares tão ardentemente ansiaram para a Igreja da nova margem e, para a qual, todos eles estendem a mão.

Resumindo tudo isto, então, alma e coração não se cansam de repetir o “Hino de gratidão”:

Por tudo, tudo cordialmente agradeço,
com íntimo amor, Mãe, a Ti me uno.
Que teria sido de nós sem Ti,
Tu que por nós cuidaste maternalmente!

Porque de grande aflição nos salvaste,
com amor fiel a Ti nos cativaste:
Eu Te agradeço, quero ser grato eternamente
e com indiviso amor a Ti me consagrar.

Como outrora em casos semelhantes, assim também nesta situação, não esquecemos o axioma: *Dons são missão!* O que herdámos dos nossos pais queremos, dia após dia, conquistar de novo para o possuir e como herança sagrada transmitir às gerações futuras.

Em resumo: neste ano, o milagre da Noite Santa, tornou-se realidade num grau como nunca até agora experimentámos. Isto garante que todos os anos se torne mais perfeito, até que a Família experimente o prolongamento na eternidade. Um dia, será algo inefavelmente belo e profundo quando, por toda a eternidade, pudermos saborear no nosso “Schoenstatt celeste” a nova forma de criança, de Pai e de comunidade, ao vir a verificar-se a expressão de Agostinho: *Videbimus et amabimus in fine sine fine!* (Veremos e amaremos no fim sem fim!)